



A FALA E A ESCUTA ENTRE QUATRO PAREDES: NA CLÍNICA, AS PAREDE FALAM

Speech and listening inside four walls: in the clinic, the walls speak

Igor Carvalho¹

RESUMO

Encontramos linguagens e códigos de todos os tipos e em todas as esferas na natureza. No entanto, quando chegamos no homem vemos esses códigos aplicados não como algo mecânico, como é notado na natureza, mas como articulações para o social. A partir disso, é apresentado à psicanálise, que tem como sua coluna vertebral a escuta que é voltada para a natureza discursiva do homem. Iremos explorar neste artigo qual seria a escuta servida para o discurso na clínica, pois não é colocado uma regra no discurso do analisando, este é livre para dizer o que quer dizer e como ele entender, sendo que tal liberdade é evitada nas relações sociais, pois ele (o analisando) não a exerce por ter consciência das leis sociais que são, desde sua infância, aglutinadas a ele, as quais, seu cumprimento é cobrado. Para se ter esse ouvir a psicanálise trabalha para tornar os ouvidos do analista um órgão apropriadamente de escuta e compreensão, pois a fala do analista vem dessa escuta do discurso que não é seu durante aquele tempo, mas que vem a ser depois de completo para ser matéria de análise.

Palavras-chaves: discurso, analisando, analista, escuta, psicanálise.

ABSTRACT

We find languages and codes of all kinds and spheres in nature. However, when we get to man, we see these codes applied not as something mechanical, as seen in nature, but as articulations for the social. From this, it is introduced to psychoanalysis, which has as its backbone listening focused on man's discursive nature. This article will explore what kind of listening would be used for speech in the clinic. Since there are no rules in the address of the analysand, he is free to say what he wants to say and how he understands it, and such freedom is avoided in social relations. After all, he (the analysand) does not exercise it because he is aware of the social laws that are, since his childhood, bound to him, which, his fulfillment, is demanded. Psychoanalysis makes the analyst's ears an appropriate listening and understanding organ since the analyst's speech comes from this listening to the address that is not his during that time, but that comes into being after being completed to be a matter of analysis.

Keywords: speech, analyzing, analyst, listening, psychoanalysis.

¹ Graduando em Filosofia pela UFPI e integrante do PET Filosofia UFPI. E-mail: igorenem2000@gmail.com



Introdução

O que poderia ser dito sobre e para o homem que o daria a consciência que aquele adjetivo colocado sobre ele o oferecesse um reconhecimento, que sem ele não poderia ser o que é, se não um ser de arcabouço discursivo. Na história do ser humano são encontradas relações singulares entre os indivíduos, marcadas em decorrência de seu tempo e ambiente. Cada discurso faz a ligação entre os indivíduos oferecendo também o que cada relação é. Mas como isso, o homem, se daria em um ambiente de caráter tão próprio e que se move em relação com eventos que a ele não é conhecido conscientemente em uma cronologia de sua vida, que é o caso da clínica psicanalítica?

Ao comparar o discurso do cotidiano com o discurso feito na análise é notório as diferenças de cada um, porém o que torna os discursos distintos não está ligado com o discurso em si, mas com a escuta. Cada ambiente tem sua forma, suas exigências, membros e seus códigos próprios, que exigem uma escuta apropriada à ser colocada em cada uma das situações dada a cada ambiente. Logo, um mesmo discurso pode ser ouvido de formas diferentes. A escuta dá ao discurso uma forma, pois falamos intencionando a compreensão do ouvinte. A psicanálise se dá a escutar os discursos do homem. Porém, a escuta na análise é especial, pois ela cumpre primorosamente a função da escuta, que é dar primazia ao sentido primeiro do discurso, que é ser ouvido. Não é um ouvir por ouvir, mas um ouvir para compreender, pois não há pré-julgamento, não há pré-existência, não se julga saber o que ele (analisando) pensa e sente. Esses ouvidos abertos colaboram para a compreensão do analista, que depois coloca-se a falar, partindo do discurso do outro, para o remetente ouvir e então também compreender o seu próprio discurso.

1. O homem de carne e linguagem

O ser humano é fundamentalmente linguístico, dada a linguagem na estruturação do discurso. A linguagem que se modela desde a pré-história, tendo serventia para nos levar ao outro, perfaz-se reconhecer como sendo um instrumento que no prosseguir do desenvolvimento histórico-social foi sendo e continuará sendo analisada por aqueles que se valem dela. Trabalhando-se constantemente sobre ela, tanto para compreendê-la como intencionando alcançar a ambição do homem em tocar o Real, além de alcançar uma compreensão das relações entre os indivíduos e suas implicações.



Essa comunicação serve como ponte de ligação para a relação entre os indivíduos, sendo interessante colocar o entendimento do filósofo francês Michel Onfray no que se refere à definição da relação entre esses seres falantes. Onfray em seu livro *A Potência De Existir* tem a relação como um contrato escrito por meio de sinais e outras formas de linguagem que partem de uma preocupação com o outro, com o qual divide-se uma situação e que conjuntamente procuram melhorá-la, tomando sua posição como um animal político. Mas por fim é o discurso, discurso que o psicanalista Jacques Lacan, na conferência em Louvain em 1972, definiu como aquilo que cumpre sua função de elo social. Esse contrato interminável, por razão das mudanças, pelas contingências, sempre se reescreve enquanto existir uma situação compartilhada por aqueles que tentam melhorar o que compartilham e que mantêm relações.

Isso mostra a necessidade, além do discurso que leva aquele que o pronuncia enquanto divide uma situação com outro, de se colocar a ouvir e falar em um conjunto, prestando atenção ao outro, ouvindo-o legitimamente para capturar o discurso em sua malha de significados. Imaginem a singularidade extraordinária do contrato do analista com o analisando.

Na história desse animal falante ocorreram regulares ações, algumas mais explícitas, outras mais veladas, que ansiavam manobrar o discurso do sujeito, empecilhos que objetivavam barrar essa condição de falante, de linguagem plasmável, maleável, tendo a qualidade de poder ser ajustada, pois sua externalização é variada, partindo dos membros de cada ambiente que ele venha a ocupar. Como podemos notar em resistências através da história, vistas em regimes autoritários, onde um grupo de homens tenta silenciar outros. Esse ato também não deixa de ser uma forma de linguagem, uma linguagem imposta pelas paixões do tirano como Sócrates apresenta no livro *A República* de Platão ao listar os tipos de governo, expõe o governo do tirano como tendo central o próprio tirano, que é dominado por suas paixões.

1.1. As sofisticadas técnicas de felicidade do homem

Na sua precariedade o homem busca sanar as faltas que surgem pela impossibilidade de consagrar o ato que deseja, restando cobrar do outro o que nele falta. Esse preenchimento da ausência que move o homem a buscar o outro é o que caracteriza a profissão cumprida por esse, sendo que cada uma das profissões têm uma técnica que é



necessária para se chegar ao objeto que falta ao homem. Aqueles que não estando em um grupo que dominam uma técnica que alcança o que é ausente no homem procuram aqueles que são e detêm o método por ser instrumentalizada como um meio, que elimina a falta, para se chegar ao prazer. Aí está a mecânica do mundo, buscar técnicas para descolar o homem naturalmente precário pela falta que o impede de concretizar uma ação ou um estado.

Nesse discurso primeiro, de buscar o que lhe é ausente, o analisando se move para o analista como se este, por deter a técnica, possuísse o sim ou não do seu bem-estar. Sendo isso hoje muito marcante pelo marketing que, com apelos afetivos, apresenta produtos como tendo o que falta ao sujeito, pois os produtos além de suprirem uma necessidade, também tem que dar um significado ao sujeito, algo avesso aos conteúdos dos filósofos das escolas helenistas.

O método psicanalítico tem uma semelhança com essas escolas, assim como também suas diferenças. Essas escolas sugerem certos projetos para se alcançar a *ataraxia*, assim toda ação do homem visaria esse *telos*. A psicanálise também busca um equilíbrio, porém para dar ao homem as ferramentas necessárias para viver com as condições que são inerentes a ele. No entanto, a psicanálise não oferece um código de ações, tão pouco o sugere para a vivência do sujeito enquanto agente e reagente no mundo, mas ela apresenta a oportunidade de se falar livremente o que quiser durante a análise.

O psicanalista Coutinho Jorge em seu livro *Fundamentos da Psicanálise* expõe uma afirmação feita por Lacan de que esse mundo que cerca o homem é constituído de linguagem. E para essa linguagem temos um ouvinte. Na psicanálise o ouvinte detém certas características, necessárias à prática deste ofício, desse processo que se utiliza o discurso é necessária a escuta. Digo, a escuta do analista para com o analisando, uma escuta que fica em um conceito prático de grande importância, a atenção flutuante que dá consistência ao escutar, as anotações, perguntas para entender aquilo que foi visto, entender o modo que foi encontrado para falar sobre, seja por via oral ou visual, pois o homem, necessitado de realizar a comunicação, ao não conseguir realizá-la pelo discurso, o corpo toma a voz para falar através de sintomas, que acabam sendo uma via para dizer, uma forma de comunicação encontrada pelo inconsciente do homem, deslocada daquilo



que ele inicialmente queria dizer, colocando para fora o que pede para ser dito e que quando não é evacuado pela fala, é evacuado pelo corpo. Afinal, o homem necessita da comunicação, seja de forma verbal ou através de representações artísticas, como é notório no livro *A Paciente Silenciosa*, de Alex Michaelides, na qual após um trauma a personagem apresenta a mudez, encontrando na arte uma forma de dizer algo que pela fala não se faz possível dizer.

2. Os discursos em seus hábitos

No mesmo livro de Platão, que foi citado anteriormente, Sócrates menciona no livro I as necessidades que caem sobre o homem em decorrência da sua precariedade, como ele utiliza disso para a fabricação de soluções que suprirão as necessidades dadas pela falta como foi colocado, e como essas soluções exercem suas funções sobre aquilo que cabe a partir de sua técnica. A necessidade do homem em se comunicar, em se inscrever no outro, funda logicamente a necessidade da escuta. O discurso é uma solução, um instrumento fabricado, que para exercer sua função começou a disputar espaço do ouvir atento aos ruídos dos predadores no período pré-histórico com o levar ao outro aquilo que possui e querer dizer fazendo uso de gestos intensos acompanhando o discurso, algo que herdamos.

As paisagens sofrem alterações pelos elementos naturais, ou de forma drástica ou de forma gradual. Tempestades, terremotos, tsunamis entre outras catástrofes que tem uma ação de mudança no ambiente de forma muito violenta. Enquanto outras são mais graduais, como a ação dos ventos sobre os relevos ou estalactites formadas no teto de cavernas ou grutas. Temos também outra força da natureza que se autogerencia, esta força é o homem que age sobre a natureza, antrópica, provocando mudanças drásticas ou graduais ao meio ambiente. Podemos muito bem fazer uso desse conhecimento geográfico para falar sobre as mudanças ocorridas na linguagem.

A linguagem ao longo da história sofreu alterações de formas diferentes e em lugares diferentes acumulando conseqüentemente variações. Algumas dessas mudanças são graduais e lentas como as que ocorrem de um século para o outro, há também as mudanças rápidas que são muitas vezes ocasionadas por um governo que impõe sua língua sobre o povo conquistado, que também de forma gradual podem se misturar dando origem a uma nova linguagem, ou o movimento para comunicação de uma povo para com



o outro como é o exemplo das línguas crioulas que se dá pela interação entre duas ou mais populações como foi a colonização no Brasil, sendo assim fenômenos sociolinguísticos. E por fim as mudanças na linguagem feitas pelo homem, mas como? A atualidade é um ótimo exemplo, a técnica que modifica o nosso meio dá novas características a linguagem, desde palavras estrangeiras que usamos no nosso cotidiano que nem mesmo notamos sua origem, além disso temos as gírias, as descobertas de novos conhecimentos e crenças que se aglutinam na cultura que é, assim como a linguagem, atualizada. Assim a linguagem sofre alterações no progredir do tempo com as ações do homem.

A psicanálise (o psicanalista) é necessitada do discurso do animal linguístico (o analisando) que no decorrer do percurso histórico-social plasma a linguagem e o discurso, que mesmo com suas reformas não abarca por completo o que está no sujeito, no inconsciente, e no Real, mas apenas roça neles.

2.1. O discurso ambiental

O discurso do cotidiano, da linguagem natural, é um discurso de sugestões salivadas de pulsões, fantasias e transferências. Os ouvintes do cotidiano desses discursos estão para a escuta como aquele que fala está para o cotidiano, pois o ambiente dá suporte à linguagem no nosso discurso, a forma com que falamos. Os ouvintes do cotidiano estão descompromissados, por consequência do ambiente e pelo estado do ambiente em que se encontram, inserindo neles certos comportamentos, a ouvir esses discursos e identificar o duplo discurso, que é o discurso do inconsciente fantasiado no discurso consciente. Essa identificação não é cometida pela ausência da técnica que ocorre durante a escuta na análise. Sendo preciso na técnica do psicanalista a atenção flutuante que Lacan deixa claro em um trecho de seu livro, que será comentado mais adiante, em que mostra a contenção das ações naturais, dos prejulgamentos, dos preconceitos durante a fala do analisando.

A castração é um colocar limites, é uma consequência aos analistas que se dão ao papel e isso é cobrado durante a análise pela sua natureza. Assim como o analisando ao se colocar na clínica também se presta a um papel, que é de ser analisado pelo discurso livre. Tais papéis, sendo cumpridos, tornam o encontro dos dois algo próprio, um contrato, como diz Onfray, peculiar, pois não é um encontro de amigos que se esbarram por acaso na rua, ou que combinaram um encontro em um restaurante e nem mesmo em um



ambiente de caráter intelectual como uma universidade, ou um museu, porque nem uma das partes desse encontro estarão comprometidas ao método psicanalítico, desse modo é claro que o ambiente dá forma ao discurso, pois estando em um ambiente há um limite, a forma da área é dada pelo seu limite. Assim como um recipiente dá forma a água.

É o encontro na clínica, com seus motivos e com as respostas a esses motivos, que monta tal ambiente legitimamente singular, tendo pontos que dão esse caráter próprio, diferente do que é oferecido comumente. O analista é desprendido de se ocupar com o dilema de Maquiavel: é melhor ser temido do que amado? Ao procurar responder de modo que agrade. Com isso não significa que ele, o analista, vai ser um canalha, ele está na clínica em um ambiente de que não tem a finalidade de corresponder à expectativa daquele que procura ouvir o que quer ouvir. Nem para motivar, cobrar ou criticar qualquer ação do analisando, como este já recebe fora da clínica, como do tipo: você consegue, continue tentando, não desista, tente mais uma vez, ou faça isso, não faça aquilo, ou você não deveria ter feito isso.

Algo em comum nessas frases motivacionais, imperativas ou em tais críticas é que o resultado somente diz respeito à pessoa, como se ela estivesse sozinha no ato e na reação desse ato, depende somente dela, da consequência ser exclusiva. Na análise o analista dá ao seu analisando uma motivação diferente as que são dadas no cotidiano, essa motivação é construída na presença do próprio analista, de seu acompanhamento e na análise do discurso, porque ali é uma relação de amor, para que um possa se mover o outro precisa entregar algo que só ele tem e pelo papel que ele ocupa.

As compreensões dos discursos que são ouvidos no cotidiano, ou seja, em um ambiente que não tem um compromisso que se tem em uma análise, são afetadas pelo ouvir marcado por afetos que modificam o discurso em certos aspectos. Além de que é cometido uma série de comentários do resultado da compreensão desse ouvir do cotidiano, sendo esses comentários cometidos várias vezes, pois aquilo que é falado no discurso é comentado e o comentário recebe um comentário e assim progressivamente até que conteúdo que estava no discurso primeiro fique enterrado na conversação. É como o processo de uma bola de neve. Joga-se a bola de neve montanha abaixo, enquanto essa bola de neve rolar abaixo a neve que tocar em sua superfície irá se agarrar a ela até que o que iniciou o processo esteja coberto e seja pouco em comparação aquilo que está sobre ele.



Um outro ponto importante, que é reservado ao analista, é um ponto da psicanálise que o neurologista em Freud ressoou nas necessidades do processo da análise. Assim como em um processo que trata do sistema nervoso que exige cuidado, delicadeza, firmeza e paciência, também é exigido na análise, pois tais virtudes, que cabem a um neurologista ao estar exercendo sua profissão, também são cabíveis a um psicanalista durante o trabalho de análise.

Na análise não pode se ter o cotidiano como método para análise, pois na clínica o analisando não está fazendo uso do discurso e da linguagem como se faz fora dela. Não se pode fazer uso de uma linguagem natural, indicando para onde seu analisando deve ir ou não e indicar a validade do agir. Mas o analista se detém fora do cotidiano, das sugestões, do amontoado de crenças justificadas para acompanhar o analisando e apresentar-lhe caminhos que ele sozinho não vê, apontando questões no seu discurso e que serviram de caminho. Perceber o que não está debaixo do sol, da luz, da consciência, fazendo a utilização de toda teoria psicanalítica para peneirar o discurso e assim os caminhos onde o analista vai cumprir seu papel sobre o analisando a partir da contribuição deste e escrevendo e reescrevendo o contrato dessa relação tão atípica.

3. Do que são feitas as paredes da clínica?

O manto de *Nix*, deusa grega representante da noite, que simboliza o céu noturno e estrelado, está na clínica. Não é uma cortina que está lá, pois o analista não quer o espetáculo, o ensaiado várias vezes para dar ao público, ele quer os bastidores, a arquitetura do palco que não é visto pela plateia, os conflitos, os erros de ensaio. Aqui coloco a vida como tendo o aspecto de ensaio, que é ensaiado durante o espetáculo e que os atores têm parcialmente o roteiro, dramas particulares que ao público é desconhecido, ou não é notado mesmo tendo sido testemunhado. Por isso o manto, que serve ao analista para que possa fazer a contemplação da estrutura do presente, mas não nota com sua organização subjetiva de cada espetáculo. Isso afirma que, o manto aqui sugerido não serve ao analisando, mas ao analista. O sol (consciência) nos faz enxergar, mas também esconde, ele ofusca a visão e ao iluminar algo faz sombra sobre outra coisa, além de esconder as estrelas, os astros que só com a noite se pode enxergar. É por isso que tal manto está na clínica, para mostrar aquilo que a consciência não permite ver, algo que é



impedido de enxergar pelo ofuscar de nossos olhos ou sombrear algo que é cometido pelo sol (consciência).

Vejamos isso no discurso, no discurso falamos aquilo que a consciência ilumina, até por intenção de abstração, além dos fatos. Notamos algo e nos damos a esquecer. A atenção do analista não será retirada, mas com o manto aquilo que é escondido pela consciência devem ser notadas. Assim, o discurso que vem do analisando é um discurso de iluminação que ele nota, se é o certo ou errado. Desse modo, vem a atenção flutuante, onde o analista ao analisar sem os seus preconceitos, pode ver o que a luz esconde, no discurso do analisando, que tem como sendo verdade aquilo que ele iluminou, uma crença que ele considera verdadeira e tem justificativas para ela.

Esse discurso, que é o discurso do analisando que fala sua verdade que, pela película da fantasia, enxerga e que ele considera como sendo a verdade, não “A verdade” de todos para todos, mas a verdade desse que discursa e que é a verdade que importa para a análise, pois é a estrutura e a verdade do discurso que vai ser a matéria do analisando para o analista. A verdade que importa é a verdade particular, que ao colocar para fora ele ganha uma forma a partir dos limites do que vamos iluminando e dando o discurso, aqui se coloca o que disse Aristóteles: A verdade é dizer daquilo que é, que é; e daquilo que não é, que não é. O analista mesmo sabendo que aquilo que é, é, ser dito como não sendo, ele não deve descartar por não ser verdade. Pois não se procura A verdade, mas a verdade daquele que considera verdade e porque ela considera como sendo verdadeiro. Sendo que há impossibilidade de dizer tudo, essa castração na linguagem, o limite, é o que toca o Real como mostra Lacan. Temos com isso no discurso na análise a incoerência com o que é e também a impossibilidade de dizer as coisas que são.

Nesse discurso das crenças verdadeiras para o analisando e onde ele não conseguir trabalhar uma justificação, pois é isso que leva o sujeito a se tornar analisando, para encontrar não A verdade, mas o porquê que é dada por uma justificativa a uma crença, a falta de uma justificativa e que no final da análise nos damos a compreender que somos castrados.

3.1. O mito da caverna na clínica freudiana

O analista se faz de estrutura para realização do eco a partir do movimento primeiro do analisando que é o discurso. Esse movimento é feito para que o analisando



possa ouvir e entender, pela voz do outro, aquilo que ressoou pela sua fala. Essa compreensão coloca certas partes do discurso que são tratadas como um erro, algo sem sentido, algo clandestino e que notamos só quando externalizado, como as piadas, os atos falhos, o dito não querido. Tais pontos são levados a sério pelo analista que faz o analisando escutar e considerá-lo como algo a ser tratado de forma séria.

O jornalismo mostra que tem a ensinar aos ouvidos dos psicanalistas. O conteúdo do discurso informativo dito pelos jornalistas tem atuação no seu tom de voz, é presente no meio jornalístico à oscilação no tom de voz de acordo com conteúdo da informação, isso propositalmente para apresentar o conteúdo da informação apropriadamente como exige a profissão. Essa oscilação na voz deve ser da atenção do analista em uma análise, pois apresenta uma dissonância vocal, que é a falta de coerência entre o conteúdo transmitido no discurso e o tom de voz no mesmo, essa falta de coerência que se encontra também na dissonância cognitiva, que é ação não corresponde ao enunciado dessa ação. Essa dissonância vocal é cometida pelo indivíduo, não proporcionalmente, como faz o jornalista de acordo com o grau de sentimento que ele quer transmitir sobre o conteúdo. Na clínica o analista deve ser atento a essa avaliação na voz, pois a matéria do inconsciente pode se mostrar com uma ação vocal. Para o processo de análise a escuta do discurso do analisado tem uma carga informativa que tende a passar clandestino pelo próprio analisando, tal não deve ser permitido pelo analista, pois terá perdido uma mensagem do inconsciente, por isso o analista deve “amolar” seus ouvidos e sua visão a partir das teorias e experiências clínicas dele e de outros analistas.

Nas várias informações que formam o discurso, o analista também deve tomar cautelas quanto às informações que o possam trair, seduzir ou despertar nele algum afeto ou desafeto que o faça perder o ponto que lhe cabe na sessão. Por isso a vigilância do analista para a atenção flutuante. Assim, o terapeuta deve ser um objeto de observação durante a análise, para que seja preservado a distância entre ele e o analisando, para que cada um cumpra o seu papel. Nos vários pontos apresentados no discurso o analista não deve tomar partido, por mais que tenha havido na análise algum tipo de afeto que ocasionou uma ligação do analista com o analisando.

Tal ponto cardinal da psicanálise, que Jacques Lacan no *Seminário 19... ou pior* traz como resultado de uma analogia ao ato de Ulisses em se amarrar ao mastro para não



naufragar pelo canto das sereias: “Sem dúvida é por essa razão que o analista, como fez Ulisses em tal conjectura, fica preso a um mastro. Naturalmente, para que dure esse canto das sereias, enquanto o analista permanece enfeitiçado, isto é, ouvindo tudo da maneira errada. ” É interessante notar que ele (Ulisses/analista) não tampa os ouvidos ignorando o discurso, ele se prende, mas é livre, pelo fato de ouvir, porém não deixa a fala se torna um eco para si, ou seja, ele não se prende a um ponto do discurso por uma identificação, ele deixa ser atingido pelo discurso e continua.

Não estando na preocupação do analista ancorar somente em uma região do discurso do sujeito enquanto escuta, ou em se jogar ao mar para procurar o canto (conteúdo) da sereia (do discurso do sujeito), um pedaço do discurso que o seduziu e que o fez se desmembrar do que ele se tinha antes, que era o todo do discurso. Mas, ele analisa esse discurso sem prender uma fração ou fazer ela se desgarrar do resto do discurso, mas em uma análise os pedaços são analisados para depois serem unidos novamente e retornarem a ser um todo novamente. Depois dessa análise ele devolve ao analisando o discurso para que escute afinal o conteúdo que estava em seu discurso que não foi percebido e refletido.

Ora, se o homem é um ser emotivo, que tipo de cordas devem segurar o psicanalista? Deve ser claro que não deve haver uma parede, parede de completa indiferença, nem tão pouco um espelho que o analisando possa se reconhecer. Nem o todo indiferente, nem o nada indiferente. Digamos um Véu entre o analista e o analisando que seria para perceber o outro, mas com resguardado da identificação plena, mas também que se possa notar o outro. Um Véu que mostre a forma do que está do outro lado, mas não as qualidades que é ingrediente para a identificação.

Mas quais seriam esses papéis que indicariam uma análise e como a fala caberia a cada um? Esse papel é um papel conquistado pelo analista por antes se ocupar em ser analisando. Aqui se coloca a importância indiscutível de um dos elementos do tripé da psicanálise que “prepara” aquele que ocupará o lugar de analista. A análise individual ensina ao estudante de psicanálise, não teorias, nem métodos, mas as consequências de uma análise.

Ela traz o ensino prático no qual o analista escuta a fala do analisando e o analisando possa escutar pontos de sua fala pela boca do analista e nesse processo o analista não tem que ser intangível aos sentimentos do analisando, mas seus sentimentos



devem ser postos sob controle pela consciência do papel que ele exerce e para que possa exercê-lo sobre o analisando. Para isso não deve haver sugestão por parte do analista, o desejo de analista traz um conceito que deita fora uma terapia de sugestão, mas sustenta a diferença de analista e analisado, a diferença deve não ser uma parede, mas um véu que deixa alcançar o analista, porém sem que dê a diferença de espaço que ocupam. Tais cuidados são de necessidade para que o analista não conduza pela via da sugestão, opiniões, *doxa* – que não está ali para ser agradado, protegido – não há que manda e outro obedece.

Liberdade é o que em suma deve ter o analisando, a tensão do superego deve ser afrouxada para que durante a análise os conteúdos do inconsciente, ao passar de acordo com as frestas contidas na fronteira do recalque, sejam dadas ao conhecimento do analista, quando ao passar para linguagem, seja qual for ela, ele, o inconsciente, está na clínica, no corpo, nos relatos, nas queixas, nos elogios... se apresentando ao passar pelas frestas, se desvencilhando, fugindo a pressão do recalque, deslizando pelos móveis da clínica, sendo vista pelo o analista de soslaio, como vultos. Assim, é o inconsciente.

3.2. O discurso das paredes

O movimento do homem socrático resulta em sair da caverna onde residem as sombras dos objetos, das coisas que até então conhecia, para a luz da verdade que mostra as coisas que por ela são iluminadas. Depois de testemunhar a verdade, este homem tende a voltar para sua caverna, como descrita por Sócrates no livro *A República*. Ao chegar lá esse homem que alega ter conhecido A Verdade desmente as verdades dos seus antigos colegas que viam apenas a projeção das coisas no fundo da caverna. Quando pegamos esse mito clássico filosófico é de nossa consciência que ao deitá-lo em outro campo deve haver observações para que a analogia seja compreensível e cumpra seu papel explicativo.

Não é alcançado pelo homem esse mundo fora que retenha para si toda a verdade, como é dito pelo filósofo, que tenha o Real. A caverna é o que há dentro e fora, a caverna que nos é colocada como o limitando nossa forma de representação. “Lacanianamente” o Real é tocado pelo limite da linguagem, a fantasia está na entrada dessa caverna como o fogo que projeta o Real do sujeito ao fundo. E é nessa condição que o analista trabalha, não vai ao analisando buscando uma verdade única e objetiva, alheio àquilo que está na



clínica pelo relato do analisando. O analista está na caverna do analisando, não está afastado com indiferença ou pré-julgamentos, mas está em um processo de adaptação para enxergar as projeções das fantasias daquele que escreve o contrato da relação. Há aí um detalhe importante, que é notório até esse momento que é, a clínica está nas sutilezas.

O analista deve ter incrustada a noção de que essa adaptação é para compreensão do discurso, que envolve a observação, escuta, o questionamento para compreender como, por meio da fantasia, as coisas do mundo vem a ser de conhecimento dele.

Como antes de Kant, os filósofos giravam ao redor de um objeto para conhecer sua essência, a tal realidade, uma verdade absoluta. Depois da Revolução Copernicana Kantiana, o mundo, os fenômenos passam a se mostrar, na circunferência do homem. A psicanálise muito bem cumpre esse movimento Kantiano ao olhar para a verdade subjetiva do outro que é transmitida pelo discurso. Porém, estando no cotidiano, onde predomina o ouvir com intenção afetiva e os discursos acumulativos como já foram expostos, é perdida ou tornada mais pesada, viscosa, mais difícil de manusear por não estar na clínica onde se poderia trabalhar essa verdade própria do sujeito através da técnica psicanalítica, essa técnica que envolve a repetição do eco da caverna por fazer aquele que fala ouvir seu discurso, é executada pelo analista que não cumpre o movimento feito pelos filósofos antecessores da Revolução Copernicana Kantiana em buscar uma verdade única, uma verdade solitária. Um discurso que ecoa na mente do analisando, mas não é legitimamente escutado e que pela voz do analista que desfantasia o discurso nas análises até descobrir e testemunhar o analisando enxergar a sua verdade, não a do mundo, mas também a fantasia que ele vestia para compreender a justificativa da verdade do discurso, o que ele queria dizer, porque era entendido assim ou entender que seu discurso era um sintoma e os conteúdos esfarelados do inconsciente nesse discurso.

Conclusão

Entendemos no decorrer desta apresentação que o homem é um ser linguístico, como os seres que estão na natureza e a própria natureza também tem uma linguagem. Porém, de discurso sofisticado que se modifica não só pelo tempo ou ações, mas pelo simples movimento do sujeito discursivo, de um ambiente para outro ambiente, pois cada um carrega o seu modelo de discurso. Tendo também seu “modelo” de discurso na clínica, esse modelo é o não modelo. Para que a análise se mova é preciso do ato que está



implicado no discurso, a escuta.

É esse dizer o que se quer, o que se precisa dizer, juntamente ao escutar com a atenção flutuante que se dá a estrutura, que faz a relação entre o analisando e o analista. Dado esse dizer e o escutar se forma o dizer do analista. O discurso do analista vem do analisando que entrega pela sua fala conteúdos inconscientes que para ele não são percebidos e se são notados tornam-se alvo de rejeição, o psicanalista organiza o discurso, separa os conteúdos por utilização da análise e diz ao analisando, não como um discurso final, mas como um discurso para continuidade, como descobrir caminhos. E com isso é construída a clínica psicanalítica, com suas teorias e com as condições do homem em falar sobre mundo como ele o enxerga, como ele o escuta. Assim é a psicanálise, trabalha a condição humana por meio da própria condição humana de forma legítima, o escutar para escutar e desse modo analisar o discurso pelas teorias da área. No final é o falar e escutar em si mesmo.

Referências

Casa do Saber. **COMO APRENDER A ESCUTAR O OUTRO? | CHRISTIAN DUNKER.** YouTube, 4 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zo-jk4kVtE8>. Acesso em: 26 de setembro de 2022.

Egolab. **Clube do Livro Egolab - Análise da Obra a Paciente Silenciosa.** YouTube, 31 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h3f2i2oGQC4>. Acesso em: 21 de abril de 2022.

Egolab. **Webinário Clube do Livro - Conversando sobre Psicossomática.** YouTube, 29 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VhQkDoOtaNQ>. Acesso em: 12 de maio de 2022.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud à Lacan - vol. 1: As bases conceituais.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 19: ...ou pior.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MICHAELIDES, Alex. **A paciente silenciosa.** Rio de Janeiro: Record, 2019.

ONFRAY, Michel. **A potência de existir: manifesto hedonista.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

PLATÃO. **A República,** São Paulo: La fonte, 2017.



Psicanálise na Rua. **AULA 03 Psicanálise Clínica Política - A dinâmica da Transferência.** YouTube, 13 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tf9njDnxpo4&list=LL&index=163>. Acesso em: 7 de agosto de 2022.